

O FAROL PAULISTANO.

*La liberté est une enclume qui usera tous les
marteaux.*

QUARTA FEIRA 21 DE MARÇO.

CORRESPONDÊNCIAS.

Sr. Redactor. Sempre tive por muito utilisar extractos de bons autores, e mesmo traducções de algumas passagens interessantes; por quanto a mór parte do povo não lê grossos volumes; por que, ou os não podem comprar por falta de meios, ou por que os não ha, ou em fim, por que não tem adquerido o habito de longa leitura; mas vendo a doutrina resumida em uma folha a leem, e gostão, e ficão com ella, pois sendo em termos claros b m a entendem; e como seja pequena a leitura não cansados, se applicão, e refletem, accrescem o a tudo a autoridade de não pequena monta que resulta do nome do autor, que sempre a deve ter mais firmada do que a do Redactor. Por isso lhe rogo o favor de inserir no seu *Farol* estas reflexões de *Benjamin Constant*.

Dos effeitos da arbitrariedade nas
diversas partes da existencia humana.

Quer exercida em nome de um só, quer em nome de todos, a arbitrariedade persegue o homem em todos os seus meios de descanço e de ventura. Ella destrõe a moral; porque não ha moral sem segurança; não ha doces affeições sem a certeza de que o objecto dessas affeições doces descanço abrigadas á sombra da innocencia. Quando a arbitrariedade fere sem

escrupulo os homens, que lhe são suspeitos, não é somente a um individuo que ella persegue, e a nação inteira, que primeiro irrita; e que depois degrada. Os homens tendem sempre a se livrarem da dor. Quando o objecto, que amão, lhes pode ser perigoso, d'elle se abstem; afastão-se. Os costumes, eiz M. de Paw, se corrompem subitamente nas cidades tocadas da peste. A arbitrariedade é no moral o que a peste é no fisico. Cada qual empurra o comp. nheiro do infortunio, que se lhe quera unir; cada qual abjura os laços de sua vida passada. Izola se para se defender, e não vê, na fraqueza, ou na amizade que o implorão, senão obstaculos á sua segurança. Uma só conza conserva o seu preço: não é a opinião publica; não existe nem gloria para os poderozos, nem respeito ás victimas; não é a justiça, suas leis são desconhecidas, e suas formas profanadas; é a riqueza. Ella pode desarmar a tyrannia; pode seduzir alguns dos seus agents, e calmar a proscricção; facilitar a fuga, e esaltar passageiras alegrias sobre uma vida sempre amargada. Ajuntão para gozarem, gozão para esquecerem inevitaveis perigos, oppõem dureza á desgraça allia; e á propria inercia; veem correr o sangue apar das festas; abafão a simpatia, como stoicos austeros, e se precipitão nos prazeres como sybaritas voluptuosos.

Quando um povo contempla friamente uma successão de actos tyrannicos; quando vê sem murmurar,

ancherem-se as prisões, multiplicarem-se os desterrores, julgar-se-bá bastante, á face desse detestavel exemplo, algumas frases communs para reanimar os sentimentos honestos e generosos? Falla-se da necessidade do poder paternal; mas o primeiro dever de um filho é defender seu paé opprimido; e quando vós arrancaes um paé do meio de seus filhos, quando os forcaes os desgraçados filhos a pusillanimo silencio, qual será o effeito das vossas maximas e dos vossos codigos, das vossas declamações, e das vossas leis? Prégão a santidade do concórcio; mas, por uma simples denuncia, por uma simples suspeita, por uma medida, que chamão de policia, separão um marido da sua mulher, uma mulher de seu marido! Pensão a eizo que o amor conjugal se extingue e renasce como convem á autoridade? Elogião os laços domesticos; mas a sancção dos laços domesticos é a liberdade individual, a bem fundada esperanza de juntos viverem, de viverem livres no azilo, que a justiça garante aos cidadãos. Se existissem laços domesticos, os paes, os filhos, os esposos, as consortes, os amigos, os parentes daquelles a quem a arbitrariedade opprime se submetterião á arbitrariedade? Fallão em credito, em commercio, em industria; porem aquelles a quem encarcerão tem credores, cuja fortuna depende da dos seus devedores, e talvez socios em suas especulações. O effeito de taes prisões não é só a momentanea perda da liberdade, mas a interrupção de suas especulações, e talvez total ruina, a qual se estende a todos os consocios dos seus lucros. Ainda mais longe vai; sera todas as opinões, aballa todas as seguranças. Quando um individuo soffre, sem que seja declarado réo, tudo quanto não é desprovido de intelligencia se crê ameaçado, e com razão, porque destrui esta garantia, a terra trema, e anda se com temorozos passos.

As chamadas injustiças pareices são inescotaveis fontes de publica desgraça. Não é dado ao poder circumscrevel-as em uma esfera determinada. Não é divizivel a iniquidade. Uma só lei barbara decide de toda a legislação. Nenhuma lei justa é inviolavel depois de uma medida illegal. Não se pode negar a liberdade a uns, e concedel-a a outros. Supponde um só acto de rigor contra homens não convencidos réos, e é impossivel haver liberdade. A de imprensa? serviu-se hão della para mover o povo a favor de victimas, talvez innocentes. A liberdade individual? aquelles a quem perseguirdes della se prevalecerão para vos escaparem. A liberdade de industria? fornecerá recursos aos prescriptores. Será necessario agrilhoar as toas, destruil-as igualmente. Quererão os homens transgír com a justiça, sair do seu circulo para um dia, para um obstaculo, e entrar depois na ordem. Quererão a garantia da regra, e o éxito da excepção. A natureza a isso se oppõe; seu systema é completo, e regular. Um pequenino desvio o destróe, como, em um calculo arithmetico, o erro de uma cifra ou de mil não um resultado igualmente falso.

Adcos, Sr. Redactor; eu continuarei.

O Moderado.

Sr. Redactor. Li em uma folha da Astrea N.º 90 o Decreto do Presidente da Republica do Baixo-Perú, que entre outras excellentes providencias acerca dos Regulares alli existentes, ordenou, que todo o Convento, que não tivesse oito Religiosos de effectiva residencia, fosse supprimido, e applicado com os seus bens para objectos de instrucção, e beneficencia publica, ficando á cargo d'aquelle Governo a commoda subsistencia dos mesmos Religiosos.

Parece com effeito, Sr. Redactor, que de uma medida tão justa, e acertada devem resultar muitas vantagens, tanto á aquelle Estado, por que á existencia de semelhantes Religiosos servia de pesa á Sociedade, como á Religião; porque, desviados do verdadeiro espirito de suas Instituições, se havião esquecido da moral do Evangelho; e como quando existem se mesmas causas, applicando se meios da mesma natureza, devem seguir se identicos resultados, de certo ganhariamos muito com uma reforma semelhante no Brasil: affirm de demonsttar esta veréate pela parte que toca á esta Provincia, quero, Sr. Redactor, expor lhe, qual é a administração dos avultados bens; que possuem os Conventos d'ella.

Ha nesta Provincia oito Conventos, quatro de Carmelitas calçados, e quatro de Benedictinos: possuem 134 moradas de casas terreas, e de sobrado, algumas na Corte do Rio de Janeiro: 743 escravos: 24 estabelecimentos de agricultura: 10 fazendas de ariar: 2 açóes no Banco do Brasil: 5 a 6 leguas quadradas de terras, de que percébem foros: dinheiros a juros, olarias &, e entretanto qual será o resultado da administração de tantos bens? Somente a calcular se o serviço diario de 500 escravos (prescindamos dos mais por suas molestias e idades) nos diversos estabelecimentos de agricultura no valor de 120 (*) cada um (feitos os precisos descontos dos dias Sanctos) e o rendimento de 134 moradas de casas alugadas pelo modico preço mensal de 2:000 rs., junctamente com as açóes do Banco, e dinheiro á juros, devem produzir annualmente de 22 a 24 contos de rs. soma esta, com que, ainda mesmo a *disfructar a triste vida de Epicuro*, como nos oito Conventos só existem 18 Religiosos, podia sobrar alguma cousa para conservarem suas Igrejas com decencia, comb debalde recommendão suas Instituições, mas succede o contrario de tudo, porque o rendimento total de tantos bens (segundo elles dizem) é a soma annual de 3:000.250, exceptuando se, é verdade, o de um Convento,

(*) Ainda é muito a favor dos Conventos este calculo; porque o trabalho de qualquer escravo equivale presentemente ao jornal pelo menos de 200 por dia, e ha pouco tempo, que os Religiosos recusarão aluga los para o serviço da estrada de terra entre o Cubatão e a Villa de Sanctos, percebendo cada um 320 ou 400 rs. por dia, o que denota recolherem maiores fructos da sua conservação n' aquelles estabelecimentos: bem assim deve ser maior o rendimento do aluguel das casas, visto que possuem quase todas nesta Cidade, Villa de Santos, e Rio de Janeiro.

que apesar de possuir 71 moradas de casas, 102 Escravos, 4 estabelecimentos de agricultura, e uma famosa Olaria, diz o seu Presidente, que apenas chega para a subsistência dos Religiosos, cujo número tão avultado não excede o de três! Tal é a administração de seus bens!

Pelo que respeita à Religião, talvez por ver moi diminuto o numero de Religiosos não appareção os fructos das suas virtudes; mas a decencia do culto Divino exegia de certo outro acao nas Igrejas; veja porem, Sr. Redactor, quanto custou a reedificar a de S. Bento desta Cidade, o estado dos Conventos de Santos, e do resto da Provincia: qualquer confraria ainda pobre celebra suas funcões Religiosas com outra pompa e magnificencia; ora tudo isto succede ou por desleixo, e má administração, e então é moi reprehensivel semelhante procedimento, ou aliás por causa do pequeno número dos Religiosos, que, a cumprirem exactamente com os seus deveres, applicando se ao culto Divino, não podem, ou não querem attender a; até mesmo porque talvez se recordem, que se os Sanctos, cujas instituições professão, desprezão no mundo as riquezas, não podião no Ceo tornarem-se avarentos, e por isso prestem attenção aos seus exemplos: mas quer em um, quer em outro caso ganha sempre o Estado e a Religião com uma reforma bem entendida; o estado, se em vez de deixar perder se tantos bens, os confiar a boas administrações, que selem da sua manutenção e augmento, applicando parte delles, por exemplo, para fundos de uma Universidade, que se projecta estabelecer nesta Provincia; e a Religião, se practica a beneficencia, primeira de todas as virtudes, se fizer doação de parte de semelhantes bens, ora desperdiçados, aos estabelecimentos de caridades, como Hospital da Santa Casa, roda de Expostos, e Seminarios, firmando-se assim, a respeito destes, a subsistencia de Orfãos, cujos paes, muitas vezes por prestarem continuos serviços á Patria, não cuidão em bens da fortuna, e por isso quando no leito da morte arrancão os ultimos suspiros, se recordão, q' vão deixar por herança a seus filhos a pobreza e a miseria, se a mesma Patria, d'onde bem merecção lhes não estender mão protectora, benefica e piedosa. Alem disso reunidos, os Religiosos em um Convento, com uma boa pensão dada pelo Estado, o que mais querião? entregues (como diz aquelle governo) unicamente ao espirital sò assim, reformando suas instituições de remota antiguidade, poderão pôr em practica a moral do Evangelho, e edificar aos fiéis com o exemplo de suas virtudes.

Rogo lhe pois, Sr. Redactor, queira inserir no seu Periodico estas reflexões; e estou certo que os verdadeiros Religiosos convencer se hão destas verdades, e como nessa classe sò a esses respeito, por tanto me assigno, por esta vez.

O Amigo dos Religiosos.

Sr. Redactor. Muitos Escriptores desde Hippocrates até os nossos dias tem mostrado a poderosa influencia, que tem os climas sobre as

funcões da economia animal; mas, medicamente fallando, não entendemos por clima o grão de latitude, de frio, de calor &c; mas sim de uma maneira absolutamente geral, na concorrência das circumstancias phisicas com que naturalmente se distinguem. O grande e immortal Hippocrates, no seu tratado de *aere, aquis, et locis*, nos dá uma exactissima idéa do que se deve ter por clima entre os Medicos. Devem por consequência aquelles molestias proprias de logares humidos, e pantanosos, vir a grassar em quaesquer outros d'antes secos, e saudos, logo que elles por algum accidente se tornem encharcados. E' justamente o que acontece com a Cidade de S. Paulo, que gozou sempre da fama de muito sadia, e não duvido, que assim fosse, porque concorrendo tantas causas para a insalubridade d'ella, com tudo, guardadas as proporções, é pouco doentia. Tenho porem constantemente ouvido, que d'antes não havião muitas das molestias, que hoje se observão mui frequentemente. Isto pôde em parte ser devido ao augmento do luxo, e do uzo geral, e muitas vezes immoderado, das bebidas espirituosas, e ainda mesmo do abuso do café, e do chá; mas sem duvida uma grande parte do augmento das molestias, e peioramento do clima de S. Paulo, se deve á inundação da vargé do Carmo, n'outro tempo tão sêca, que era um dos agradaveis passeios dos habitantes da Cidade. Hoje é constantemente um charco de plantas aquaticas, e animaes, que ali se crião, morrem, e apodrecem, enchendo a atmosfera de miasmas putridos, causas de muitas molestias; e tanto mais, que os ventos mais fortes, e mais constantes são os d'aquelle lado. As consequencias destas exalações mephticas, são bem conhecidas, e optimamente descriptas no tratado de João Maria Lancisi, Fizeico mor de Clemente XI, de *Paludibus earumque effluviis*, e outros mais, que escuzo citar. Por isso nada tenho que dizer sobre os damnos, que nos causa a continua exalação putrida da mencionada vargé, e não seria aqui o competente lugar: lamento somente, que o Exm.^o Presidente nos não seja conservado por mais tempo, porque de certo tentaria uma obra tão vantajosa á saude publica de S. Paulo, assim como emprehenção, e conclusão outras, que immortalizarão entre os Paulistas a sua saudosa memoria.

Devemos porem esperar que aquelle que S. M. I. nos destinar para Presidente, imitando as virtudes do seu Antecessor, trilhe o mesmo caminho, e nos continue a conduzir em paz e armonia para a prosperidade a que aspiramos.

Tinha feito menção de nunca fazer inserir producção alguma da minha toca peona em papeis publicos, mas de melhor accordo, julguei, que faltava a um dever, que rigorosamente me impõem os meus cargos, e Profissão, se não fallasse em algumas cousas tendentes á saude publica, ramo quazi entre nós desconhecido, e que tanta attenção deve merecer.

Instigado pois, Sr. Redactor, por estas ponderozas razões, e certo de que nunca por estes objectos serei chamado, senão perante o tribunal da Medicina, onde me haverei doado.

Deus me ajudar, importuno o agora, e importuna-lo hei para o futuro, rogando-lhe queira dar um lugar no seu estimavel periodico a estas mal limadas, mas verdadeiras reflexões do Seu Verador

J. de M. F.

Sr. Redactor. Como aprecio qualquer lembrança, que pode concorrer para o bem publico, e julgo dignas de providencias do Exm. Presidente da Provincia o conthendo na carta, que me dirigio um amigo, peço-lhe, queira dar-lhe um lugar na sua folha, no que obrigará ao

Seu Assignante.

— Recebi o 1.º, e 2.º, n.ºs. do nosso *Farol*, que muito estimei, e rogo-lhe continue as suas remessas.... Merece bem ser publicado n'aquella Folha o barbaro commercio, que se faz na Villa de Itapeva, entrando *Bandeiras* de caçadores nas mattas, para prenderem, á força d'armas, Indios Selvagens, e vendel os em leilão muitas vezes pelo valor de um escravo, o que denota, que os querem, como tem praticado, perpetuar no cativello, quando nada mais são do que prisioneiros de guerra, e obrigados a prestar servicos pelo tempo de quinze annos, segundo de termina a Carta Regia do 1.º de Agosto de 1809. Contarão-me o seguinte facto alli acontecido, que horroriza ser praticado em nossos dias, e faz erer, que ainda ha monstros peiores do que um Cortez no Mexico, e um Pizarro no Peru.

Entrou uma *Bandeira* de Caçadores o anno proximo passado, depois de aprisionar varios Indios, regressando para aquella Villa, achou um Indiozinho, ainda de peito, carregou e o vinha trazendo, quando appareceu a India mãe, batendo as mãos, pedindo misericordia, e por aenos exegindo o seu pequeno filho, mas os barbaros alem de tratarem deshumanamente a India, trouxeram a criança, e venderão por duas dobras, e não contentes ainda quizerão vender a mesma India, o que farião, se não fora o Parocho declarar, que ella era livre, e não prisioneira: reflexione sobre este artigo.... A ambição de homens semelhantes, e á crueldade, que sempre reduzio em outro tempo ao mais desgraçado estado os Indios, que tiveram a infelicidade de procurar os Aldeamentos, se deve attribuir o ranço, que elles nos tem, julgando nos a todos como tyrannos, e disforçando se por isso muitas vezes. De que serve ter projectado a *Assemblea* Constituinte, e a nossa actual mellhorar a sorte daquelles infelices, procurar sua civilização, e augmento, que tanto precisamos, de população? Talvez, publicando se isto, que se pratica, o Governo mande ao Capitão mor de Itapeva informar.

No seguinte numero faremos algumas reflexões sobre as correspondencias deste, inormente acerca da do *Sr. Assignante*, que julgamos dignas de providencias promptas; e desde já pedi mos a attenção do Exm. Presidente a este tão importante objecto, em que igualmente a huma-

nidade, e a politica muito interessão. *Pobres Senhores da Terra da Santa Cruz!* Não á civilização, o captiveiro vos dão em troco do rico paiz que era vosso!

VARIÉDADES.

Quando Jacques 2.º, moel principal (quando Duque de York) da morte de Lord Russel, filho do Conde de Bedford, grande corajoso, e digno defensor das publicas liberdades, se viu apertado por Guilherme d' Orange, que o expulsou do trono, e da Inglaterra, dice ao Pae do infeliz Russel = *Milord, peço o vosso conselho; sois homem de bem; tendes grandes creditos, e me podeis fazer importantes servicos. Fraco sou, Senhor; (lhe respondeo o Conde) vedame a velhice de vos prestar qualquer servico consideravel; mas eu tive um filho.... que se fosse vivo, serviria efficassmente a V. M.*

Se os homens são tão máos e tão pouco sociaveis, diz um grande escriptor, é porque lhes falta uma boa educação. Esta falta é sempre devida aos máos governos, que tendo interesses distinctos dos interesses dos povos, desprezão a educação o estes, e as mais das vezes até lhes tohem os meios de se instruirem. Pelo contrario, a verdadeira politica não conhece as maximas e os interesses dos tyrannos. O seu reinado é o da razão, das leis, e do interesse evidente da sociedade. Ella não precisa de enganar os homens para subjugal os; ella antes quer que se lhes faça sentir, quaes os seus verdadeiros interesses; que se lhes inspire o amor da patria, o qual não póde subsistir sem a liberdade; ella quer que os homens tenham coragem, e industria, que se sejam laboriosos e sociaveis. Ella não quer finalmente dominar sobre vis escravos, dos quaes nunca se podem fazer cidadãos. Mas a educação e os costumes não podem ser bons, senão de baixo d'um bom governo; a verdadeira moral é inutil para um povo sujeito á tyrannia; ella não póde ser efficaz, se não quando favorecida e sustentada pela autoridade, fortificada pela lei, confirmada pelo exemplo, animada pelas recompensas e pela consideração.

É preciso um governo justo para tornar os homens justos, moderados, e sociaveis. Mas como se poderá estabelecer um tal governo? Pondo um freio ás paixões imprudentes dos agentes do poder, cuja cegueira poderia convidar os outros a commetterem o mal: pois todo o homem é fraco, e raras vezes os que governão aos outros tem assús força para se governarem a si mesmos.

Os máos governos são untados de uma especie de grude, á qual se pegão a avidez, a adulação, em fim todos os vicios, e que inspira envencivel disgosto ás boas intencões, as vistas justas, e á sua razão. É o que acontece? Os máos governos se fazem desprezar e abotrecer; mas tem por si os perversos, os quaes são mais manejavaes, e menos escrupulosos.